

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

NOVEMBRO DE 1959

N.º 11



BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo II

NOVEMBRO DE 1959

N.º 11

Flagrantes da História de Rio do Sul

Victor LUCAS

Agradecendo as referências animadoras e de boa vontade recebidas e publicadas na imprensa local e do Estado, pelo meu despretencioso trabalho, publicado nesta brilhante revista que é "Blumenau em Cadernos" e no qual procurei fixar, inicialmente, as condições inerentes a esta vasta e rica região catarinense, cujo centro geográfico se situa exatamente na confluência dos rios do Sul e Oeste, os quais, assim irmanados, formam o rio Itajaí, para então receber mais adiante as águas limpas e buliçosas do seu outro irmão, ou seja o Rio Hercílio ou do Norte, e daí continuando a sua majestosa trajetória, até alcançar e se projetar no mar, em Itajaí, cidade histórica e pioneira, de onde partiram, rio acima, as primeiras expedições em busca dos segredos e dos mistérios que envolviam, naquela época, o grande Vale do Itajaí. Destas expedições nasceram as primeiras colmeias colonizadoras, a começar por Blumenau, por estes cadernos tão bem ilustradas, e logo em seguida Brusque, com o decidido apoio do governo imperial. Quando assim aconteceu em Blumenau e Brusque, onde o governo investira vultosas quantias, financiando a localização de colonos, a locomoção de seus trastes; a aquisição dos seus lotes de terra, o amparo em caso de doenças, fornecendo remédios e pagando médicos, abrindo escolas e nomeando professores, fornecendo sementes e o necessário aparelhamento para o lavramento e amanho da terra, sem falar da decidida proteção, dada aos colonos, contra os ataques dos silvícolas, tão temidos pelos colonos, fornecendo-lhes armas e munições e mesmo destacando pelotões armados para patrulhar o terreno, dando, assim, ao homem da terra a garantia mínima para o bom desempenho de sua árdua tarefa, aqui, em Rio do Sul, nada disso acontecia. Não só não houve a menor proteção aos colonos, por parte das autoridades, já então em pleno regimen republicano, mas, ao contrário, estes ainda sofriam o agravamento da situação, provocado pelo deslocamento dos "índios" ou bugres, empurrados para o planalto pelos citados pelotões armados, e que aqui se moviam livremente, vingando ataques recebidos na zona do litoral, armando ciladas, às vêzes astuciosamente engendradas, e defendendo, heróicamente, aquilo que, durante milênios, fôra do seu domínio absoluto e indisputado.

Daí, quem um dia se dispuser a escrever a história de Rio do Sul, deve, antes de tudo, reter na mente esta situação, a fim de não desfigurá-la, ou, vamos dizer melhor, figurá-la como um acontecimento lógico e natural, uma espécie de movimento dinâmico e planejado, em busca de espaço e riqueza fácil. Não, de fácil nada havia e quanto à riqueza, era preciso conquistá-la. De início, eram movimentos isolados, tentativas heróicas e temerárias. É de notar-se, que a invasão dos sertões do centro do grande Vale do Itajaí, já não se distinguia pela nacionalidade. Foram os primeiros, geralmente, sertanistas, caboclos destemidos; e, no seu encaço, seguiam, já não o imigrante

própriamente dito, mas os seus descendentes diretos, filhos e netos, brasileiros de coração e de alma, os quais, quase que abandonados à sua própria sorte, iam em busca desta riqueza incomensurável, ainda encoberta pelas selvas invias e indepassadas. Foi quase que uma invasão à mão armada, pois, tudo conspirava contra o colono ou colonizador. Não era somente o "índio" ou bugre, o grande inimigo do invasor. Era grande sim, era talvez até o maior, mas, de alguma forma, já estava dentro dos cálculos. Maior perigo corriam, dentro do abandono absoluto em que viviam, expostos aos ataques traiçoeiros dos ofídios, que infestavam as matas, mordidas, geralmente de conseqüências terríveis e, às vezes, fatais, e não por último a maleita, que tantas resistências quebrava, talvez mais que o resto em conjunto, e tudo sem assistência médica, sem meios de locomoção rápida, longe dos hospitais e mais longe ainda dos cofres públicos, de onde pudessem receber auxílio e amparo, ou cura que mereciam e necessitavam. Mas não paravam aí as dificuldades. Havia-as, ainda, em forma de acidentes, em sua maioria graves, relacionados com as lides diárias e rudes, todas geralmente ligadas às derrubadas de matas e o preparo das roças virgens e gordas, no início, pois, quase todas as roças beiravam os rios Oeste e Sul, onde ainda hoje, após 55 anos de aproveitamento ininterrupto, se alcança e obtêm (ainda hoje, sem assistência técnica e científica, por parte do governo) resultados apreciáveis. Não devemos, por último, esquecer as dificuldades originadas pelos fenômenos naturais, como as enchentes que, naquela época, mais ainda que hoje, punham os colonos de sobressalto e alarmados; e quantos esforços e sacrifícios exigiam para contornar as dificuldades! Transportes, naqueles momentos (e duravam às vezes semanas inteiras) não havia. Ficava, o colono, como que encurralado, sem meios de buscar socorro, em caso de necessidade. Quanto coração de mãe extremosa se enchia de angústia, quando lia nos olhos de um ente querido, a dôr, o sofrimento e, talvez, a morte? Não devíamos, aqui, também cantar um hino de louvor às mães, às mulheres que corajosamente compartilhavam dos sofrimentos e das lutas que pareciam não ter fim? Sim, e será, por certo, uma das páginas mais heróicas e belas que já se tenha escrito a respeito da mulher "pioneira". Uma cousa, praticamente, não havia nos sertões riosulenses: era a fome. O espectro da fome jamais foi conhecido aqui. Em primeiro lugar, os que para aqui vieram, eram veteranos na luta com os sertões e dificilmente se deixariam colhêr de todo desprevidos; depois, havia a riqueza da fauna silvestre, que infestava as matas e as águas. Nisto, me recorde de uma palestra, tida com um velho sertanista riosulense (ainda vivo), quando abordamos casos extremos de necessidade e sofrimento. "Não", disse êste honrado e velho pioneiro, pois, os sertões eram virgens em todos os sentidos e as suas extensões intermináveis, e a carne que formava a base de nossa alimentação, era abundante e boa. Era só receber o aviso da "cozinha" que a carne acabara, quando empunhava meu "pau de fogo", aliás uma belíssima espingarda alemã, de 2 canos, bala e chumbo e, o mais tardar uma hora após ter recebido o "recado", eu jogava sobre a mesa, tósca mas farta, ou um belo exemplar de macuco ou de jacutinga, ou ambos, conforme a sorte. E não precisava andar muito; geralmente não chegava a ver o rio, que distava uns 800 metros da estrada, onde construira minha casinha. Somente em casos excepcionais, me sujeitava a matar um inhambú ou urú e, em tucano, somente a muito pedido dos filhos; era caça que, ao meu ver, não merecia minha atenção nem tiro da minha "16". Bons tempos êstes (já não era mais o pioneiro que falava e, sim, o caçador) quando os céus riosulenses escureciam com verdadeiras nuvens de papagaios, que desciam aos milhares, perfeitamente perfilados, ou enfileirados, e em casais, à serra, em busca de alimento mais abundante, o que acontecia, principalmente, nos invernos rigorosos, produzindo um alarido e uma algazarra que, de um quilômetro de distância, perfeitamente se ouvia. Não quero nem mesmo falar dos hoje tão cobichados tucanos, que faziam verdadeiros "bailes" e "festins" às portas dos nossos ranchos, certos que estavam em que nada lhes iria acontecer. E depois, era o peixe, que se apresentava tão abundante, que saturava o maior apaixonado desse esporte, que era eu. Chegava a colocar 15 gatoeiros e trazia, noutro dia, de 10 a 12 traíras de 3 a 7 quilos. A maior, que já peguei, foi de 12 quilos. Pergunto agora: podia haver extrema necessidade naquelas circunstâncias? Não, de forma alguma. Mas, nem sempre esta fauna abundante e variada, enchia

à mesa; havia também o outro lado da moeda. Casos havia em que, magotes de uns 200 a 300 porcos invadiam as plantações e devastavam as roças. Geralmente, estes magotes de porcos vinham acompanhados pelo seu inimigo, quase que inseparável, que era a onça ou o tigre. Era a carne que mais lhe apetecia. Em compensação deixava em paz o colono. Jamais cheguei a ver um, embora, muita vez, lhe seguisse a pista, pois, estava eu especialmente preparado para enfrentá-lo, onde estivesse. Numa batida, que fizemos no lado da Serra Canoas, perdemos dois cachorros bons, um dos quais encontramos completamente esfecelado, morto com certa "patada", num tóco meio podre e ôco; o outro talvez fôra devorado. Nunca chegou a voltar. Mas não eram só os porcos do mato que estragavam as plantações, eram também outros animais, muito cubiçados pelos caçadores, como a paca e o veado, que havia em grande número. Estes faziam os estragos menos pelo seu número, que pela maneira sistemática com que procuravam as roças. Era ali também, onde, geralmente, encontravam o seu fim. Ou caíam no laço, ou no alcapão, ou, como eu geralmente fazia, no tiro "armado". Em tudo, porém, havia a lei da compensação. Eu, que era mais caçador que pioneiro, aceitava estes sacrifícios plenamente conformado e posso garantir que jamais trocaria estes dias, passados nos sertões riosulenses, por quaisquer outras regalias, apesar das dificuldades pelas quais passei, principalmente no que se refere à saúde — febre — e que expôs minha família, que era numerosa, às maiores privações, sem assistência

Num excelente desenho de Kusterko, essa foi a primeira casa de Rio do Sul, construída por José Vicente, de que nos fala o autor deste artigo. Situava-se no local da atual Praça Nereu Ramos, no coração de Rio do Sul, cidade vizinha à confluência dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, formadores do Itajaí Açu.



médica e de outra ordem." Foi esta a palestra que me ocorrera e que me fez abrir este parêntesis nesta minha crônica. Peço perdão, principalmente se um dos leitores amigos fôr caçador, se abreviei demais este capítulo, prometendo, entretanto continuá-lo quando houver melhor oportunidade para isso, pois, Rio do Sul, sendo o centro dos sertões intermináveis do grande Vale do Itajaí, muita coisa interessante haverá ainda a contar sob este aspecto. Feito assim este intróito e voltando, novamente, ao fim que me impus no início deste desprezível trabalho, pergunto, com o leitor paciente e amigo: "Como e quando começou a história de Rio do Sul?" Não é fácil dizê-lo assim de pronto. Sabemos que, excluída a presença de um ou dois "posseiros", dos quais falarei mais adiante, houve a primeira tentativa de colonização, em pleno perímetro urbano, aí pelo ano de 1896/97, por parte de Carlos Schroeder, exatamente onde hoje temos a praça Nereu Ramos. Carlos Schroeder chegou a construir o seu rancho e aí permaneceu durante uns dois anos, quando abandonou novamente Rio do Sul. Nesta sua curta estada em Rio do Sul recebeu a incumbência de construir a primeira balsa que atendeu aos que se abalancharam em viajar por estas bandas inóspitas. Foi assim Carlos Schroeder o primeiro balseiro, historicamente comprovado pelas testemunhas oculares. Premido pela presença do "índio" e vendo-se abandonado e só numa refrega com os bugres, voltou a Rio dos Bugres (Apiuna) e morreu, velho, ali mesmo, em Ribeirão da Vargem. É

possível que as datas acima apontadas não coincidam com os anos que aqui permaneceu e sôbre o caso voltarei no próximo artigo.

Vasculhando a memória de velhos "pioneiros", dos quais muito poucos se movimentam em nosso meio ainda, procuro, hoje, fixar datas, nomes e, se possível, objetivos. Posso, assim, antecipar, com tôda a segurança, que a cidade de Rio do Sul não teve o seu início marcado por qualquer ato solene, assistido por autoridades, com discursos oficialmente encomendados e registrados, como aconteceu com a fundação de Blumenau, Joinville, Brusque, ou mesmo Lages, para retroceder no tempo. Não é, assim, possível a qualquer pessoa, mesmo dentro da melhor boa vontade, concatenar dados oficiais, publicar troca de correspondência, ou de relatórios, ou de documentos, que coloquem a fundação da cidade de Rio do Sul numa data certa ou prefixada. Temos que nos ater, assim, a tudo que nos fôr possível reunir em palestras, nomes e datas, posteriormente colhidos, aferi-los e registrá-los. Talvez, já muitos dados preciosos, como acontecimentos dignos de serem anotados, se tenham perdido para todo o sempre, pela falta de interesse, pelo descaso dos mais entendidos e pela falta de preparo dos mais interessados. Não escaparemos, desta forma, à necessidade de submeter as datas, posteriormente buscadas e estabelecidas, inclusive as minhas, a uma sabatina, a fim de que se faça luz sôbre o que existe ainda de incógnito. Recebo as críticas e reparos dos que tiverem a pachorra de seguir os meus relatos, como verdadeira homenagem que se prestará à verdade que, afinal de contas, deverá subsistir, sempre que alguém cogite em fazer afirmações menos documentadas. Quem garante que eu não labore em êrro, ao confiar, demasiadamente, nas entrevistas havidas com pessoas, tidas como absolutas ou narrarem acontecimentos assistidos, pessoalmente, ou por "ouvir dizer" de outros, terceiros? Mas mesmo assim, como já frisei em meu primeiro artigo, publicado nestes cadernos, embora correndo o risco de errar, ou de não acertar em tudo, não me deterei neste caminho e continuo, hoje, abordando de u'a maneira mais objetiva, assuntos e fatos ligados à fundação de Rio do Sul — cidade moça e fagueira — centro econômico de toda a vasta região do Vale do Itajaí Central e cujo futuro poderá ser retardado, mas jamais sustado — tendo, como garantia do seu progresso, a pujança do seu povo e a riqueza de sua terra. Tendo em vista êstes fatos, seria imperdoável, não existisse alguém que se avantajasse e sacudisse, com aquela parcela do nosso mundo intelectual, despertando-a para a realidade.

Para melhor entrar no mérito da história dêste fragmento da VERDADEIRA HISTÓRIA, a ser ainda escrita por alguém, com mais capacidade e autoridade, tive êstes dias mais uma interessante entrevista com Da. Maria, filha de José Vicente Leite e neta de José Vicente, primeiro morador que se fixou no centro de nossa cidade, quase no mesmo lugar onde, antes, se fixara Carlos Schroeder, isto é, em plena praça Nereu Ramos. Vemos que a praça Nereu, já naquela longínqua época, instintivamente, representava, no grande sertão riosulense, o ponto de maiores atrativos para a fixação dos elementos, que aqui procuraram radicar-se, talvez não só pelo que representava de pitoresco — ponto de confluência dos rios Sul e Oeste — mas, talvez, mais pelo que viram de estratégico nesse lugar, pois, ficava à beira do rio e em caso de ataques dos silvícolas, oferecia as melhores possibilidades para uma retirada estratégica; e, para tanto, havia sempre disponível uma canoa, pronta para passarem ao outro lado do rio. Como sói acontecer, a conversa em tais entrevistas e oportunidades, antes de iniciar a mesma, a conversa, ia assumindo proporções de verdadeiro "romance" rememorativo e pouco faltou que eu voltasse sem que tivesse conseguido o que me dispunha buscar: a verdade sôbre a história de Rio do Sul. Desta forma, interrompendo, quase abruptamente, a "conversa" que ia longe e interessante, enveredei pelo caminho reto, limitando, agora, as minhas perguntas aos objetivos que me levaram a entrevistar Da. Maria que, em sua varanda, e dentro de sua costumeira cadeira de balanço, recebeu-me, com tôda a amabilidade, e dentro da maior urbanidade, qualidades que sempre lhe foram peculiares, e que tanto a distinguem. Em resposta à primeira pergunta, fui informado de que, de fato, o seu avô, José Vicente, chegara a Rio do Sul, quando ela, Da. Maria, tinha apenas 2 anos; baseado assim na idade de Da. Maria, foi-me fácil fixar a data exata da chegada de José Vicente, seu avô: o ano de 1897. Quais foram as pessoas que o seu avô, José Vicente, encontrou morando em Rio do

Sul, quando aqui chegara em 1897?, foi a minha próxima pergunta. E também aqui não houve nenhuma vacilação na resposta: "sim" respondeu Da. Maria, "lembro-me perfeitamente que vovô dava a Basílio Corrêa de Negredo a primazia de ser o primeiro morador de Rio do Sul, pois, quando aqui chegara, em 1897, fazia, mais ou menos, um a dois anos que Basílio Corrêa de Negredo se fixara na altura da Av. Barão do Rio Branco, nr. 484, lugar onde construiu sua palhoça, muito primitiva, tanto assim que não resistira ao tempo, não deixando, desta forma, nenhum vestígio". Pode Da. Maria dizer-me por que a casa de seu avô, José Vicente, é tida como a primeira casa de Rio do Sul?, quando, em verdade, já encontrara um morador que o antecederara? "É fácil de explicar a origem desta controvérsia, pois, como já disse de entrada, a moradia de Basílio Corrêa de Negredo era em verdade uma simples palhoça, a que uns anos antes construiu, provavelmente, pois, sua fixação, neste lugar ermo e selvagem, certamente nada mais representava que uma tentativa a mais, por um homem mais afeito aos segredos e às surpresas dos sertões, para adquirir posse. Se não teve êxito no seu intento de adquirir uma propriedade, por compra, ou por simples ato de posse, pelo menos devemos-lhe o mérito de ter sido aquele que, sózinho, sem família, suportara a solidão do sertão riosulense, propiciando a chegada de novos elementos, como aconteceu com José Vicente e, posteriormente, outros, muitos dos quais se localizaram, não na cidade propriamente dita, como hoje a conhecemos, mas quilômetros mais distante, como temos o caso da família Quintino dos Santos, que se fixara, exatamente, no lado esquerdo da curva que faz a estrada Rio do Sul-Blumenau, talvez uns 200 metros abaixo da fábrica Irmãos Huebsch, esta última, aliás, também uma das velhas e tradicionais famílias riosulenses. Outros, se fixaram em Barra do Trombudo, ocupando, assim, paulatinamente, os pontos estratégicos da estrada recém-aberta de Pouso Redondo-Curitiba. Tudo isso se dera, exatamente, entre os anos 1895 a 1900". Quer dizer, então, que sua família não reclama o mérito de ter construído a primeira casa de Rio do Sul, como se propala por aí? "Não; não sob o ponto de vista histórico e do tempo, embora, na realidade, tenha sido, de fato, a primeira casa — verdadeira, com os requisitos mínimos de uma moradia — quando a outra, ocupada pelo velho Basílio Corrêa de Negredo, era uma simples palhoça, provisoriamente construída, e que serviu de moradia, anos após a sua chegada, veio trazer para aqui a sua família, isto é, a mulher e os filhos menores." Pode Da. Maria, talvez, dizer-me o ano em que Basílio Corrêa de Negredo veio trazer sua família para Rio do Sul, dando uma demonstração da sua vontade de fixar-se em terras riosulenses? "Conforme sabemos, e nisso não temos nenhum interesse em torcer as cousas, pois, ninguém lhe tirará — a Basílio Corrêa de Negredo — o mérito de ter sido o primeiro morador de Rio do Sul, tanto assim, que podemos citar o ano de 1895 como sendo o ano da chegada da família de Basílio Corrêa de Negredo em Rio do Sul". Como vemos, foi, assim, o ano de 1895 aquele em que se fixou, em Rio do Sul, o seu primeiro morador, não contando os 4 anos anteriores, em que Basílio Corrêa de Negredo, morara, sózinho, experimentalmente, em Rio do Sul. Os dados apresentados pelo filho mais moço, de nome Carlos, provando o seu estado de miserabilidade e solicitando um auxílio mensal, por parte dos cofres públicos, alegando como motivo, os merecimentos a que supunha tinha direito a sua família pelo sacrifício passado, quando Rio do Sul era apenas um ponto geográfico em meio dos sertões do centro do grande Vale do Itajaí, comprovam, perfeitamente, a data de 1895, como sendo o ano da chegada definitiva de seu pai — Basílio — em Rio do Sul. Em meu artigo anterior, já citara eu a família Corrêa de Negredo, como tendo sofrido um ataque dos silvícolas, ocasião em que Carlos sofrera um ferimento grave, por frechada certa de buque. Embora haja quem queira citar o ano de 1883, como o da chegada de Basílio Corrêa de Negredo, a Rio do Sul, os fatos e testemunhos não confirmam esta alegação, tendo, talvez, estado junto com a turma na abertura da linha telegráfica Subida-Pouso Redondo, vindo, porém, a fixar-se somente alguns anos após. Registrados êstes fatos e desejando terminar esta entrevista, tão útil para quantos se interessam pela história de nossa cidade e do Vale do Itajaí, não quis terminá-la, sem fazer-lhe a última pergunta, mais no sentido pessoal, porém. Assim tomei a liberdade de indagar de Da. Maria, qual a maior emoção sofrida, ou vivida nos tempos de tão grata recordação. "Oh", respondeu Da.

Maria, “os momentos de maior emoção, que vivi eram aqueles, quando recebia ordem de Papai, que já naquela época morava uns quilômetros abaixo da cidade de Ri odo Sul, de buscar um objeto, ou uma roupa, ou um remédio, da casa de seu pai ou mãe, tendo, para isso, que montar um cavalo, e lembro-me, como se fosse hoje, eu corria a todo galope para escapar dos bugres que eu via em todos os lugares, e dos quais eu tinha um verdadeiro horror”. Não era para menos, tomando em conta que Da. Maria, naquela época, mal tinha os seus 11 anos e certamente os anos muito contribuíram para que tudo tomasse formas mais impressionantes e fantásticas. Prova-nos, outrossim, que o perigo que representava o nosso silvícola era, acima de tudo, real, principalmente nesta região onde se homisiara, como último recurso, para resistir ao cerco dos caçadores bugreiros. Foi assim que me despedi de Da. Maria, grato por mais esta oportunidade, certo de ter contribuído, de alguma forma, para desvendar, definitivamente, os segredos que envolvem a fundação de nossa cidade, que tanto estimamos e da qual tanto nos orgulhamos.



O QUE DIZEM DE NÓS

Do sr. Murici Nascimento, secretário do Diretório Acadêmico Victor do Amaral, recebemos o seguinte ofício: “Vimos, por intermédio dêste, agradecer sua especial gentileza em nos remetendo exemplares da conceituada revista “Blumenau em Cadernos”. Podemos, assim, travar conhecimento com uma das mais ricas e prósperas regiões dêste imenso Brasil: o Vale do Itajaí. O esmêro da confecção e os artigos que apresenta fazem-na credora dos nossos aplausos; que prossiga no seu mister de propagar a história daquela região e da sua gente brava, são nossos votos.”

* * *

De uma carta do nosso prezado colaborador Arnaldo Brandão, destacamos êstes trechos: “Gostei bastante dos artigos referentes ao Hospital Santa Isabel. Também agrada-me sobejamente, a coluna de Cristina Deeke Barreto, que leva o nome de “Aconteceu...”. São essas colunas, bem como as crônicas e outras variedades que equilibram a revista, tornando-a mais ampla na sua finalidade. É uma lástima que outras cidades não o imitem nessa empresa. Reputo de um valor inestimável para a vida futura de um município o que se faz através dêsses preciosos “cadernos”, que Blumenau teve a honra e o privilégio de ser o iniciador. Formarão um arquivo preciosíssimo, em dias futuros. Fonte inesgotável de informações aos futuros historiadores que não terão, como os nossos de hoje, de lutar e tão pouco encontrar pela frente, dúvidas do quilate da fundação de Itajaí. Portanto, renovo meus cumprimentos e meus votos de progresso constante para “Cadernos”, verdadeira estante da vida progressiva de Blumenau”.

Agradecemos as bondosas expressões dêsses bons amigos.



EM começos de 1876, o colono Germano Junk, lembrou-se de convidar S. Majestade, o imperador D. Pedro II, para padrinho de batismo de seu sétimo filho. O imperador excusou-se e o presidente comunicou o fato ao dr. Blumenau, que respondeu em ofício: “o colono ficou ciente dessa resolução (ou decepção) em termos convenientes e urbanos”.

A Torre da Matriz de Blumenau

Em página especial, transcrevemos, neste número, a magnífica oração pronunciada pela menina Carmen Lobe, do Colégio Sagrada Família, por ocasião do lançamento da pedra fundamental da monumental torre da nova matriz de Blumenau, cerimônia que se verificou a 15 do corrente mês.

Como verificarão os nossos leitores, trata-se de uma brilhante peça literária, vasada em estilo bem cuidado, impressionante pela suavidade e pela beleza da expressão, unida de forte religiosidade, bem apropriada ao significado do importante acontecimento. Sua autora, que modestamente se esconde sob o pseudônimo de Mariana é uma das mais destacadas educadoras blumenauenses, a quem sinceramente agradecemos a autorização dada para a publicação do seu mimoso trabalho.

O ato do lançamento da pedra fundamental da torre da matriz constou, também, de outros interessantes números, como o canto, pelo côro da paróquia, do hino à cidade de Blumenau, de um bonito discurso do sr. André Sada, gerente do Banco do Brasil e membro da comissão de obras e da bênção litúrgica, oficiada pelo vigário de Rodeio, Frei João Bosco. Presidiu às solenidades o estimado Frei Braz, vigário de Blumenau.

Para se ter uma idéia do que representar para Blumenau, a obra de que se lançou a pedra fundamental, e que se constituirá num magnífico atestado de fé e de ci-

vismo do povo blumenauense, damos, a seguir as seguintes características da torre em construção e que se espera ver terminada no decorrer de 1960:

Terá a torre 50 metros de altura e 12,5 de largura, tendo o vão da arcada 30 metros de altura entre duas colunas de 4,5 por 3,25. A escadaria passará pela arcada da torre até ao pátio da igreja, vencendo uma diferença de nível de 7 metros, tendo de largura 6 metros, com 55 degraus, em lances de 5, intercalados em 10 patamares, o que oferece uma subida suave. As colunas laterais terão acesso, pelo seu interior, ao cume da torre onde estará uma cruz de 2 por 3 metros de altura. No campanário serão localizados cinco sinos e o grande relógio que funcionarão conjugados, com controle remoto, que será feito da sacristia. Os cinco sinos terão um peso total de mais de duas toneladas, sendo o maior, de uma tonelada, um presente da Eletro Aço Altona, importante fundição blumenauense e cujos diretores se têm destacado pelo apoio que emprestam a todas as iniciativas que visem o progresso e engrandecimento da nossa bela cidade. O mostrador do relógio terá 3 metros de diâmetro e seus ponteiros 1 m. e 1,20, iluminados à noite.

Será, sem dúvida, essa torre um monumento que dará, a Blumenau um novo e atraente aspeto urbano pela sua beleza e imponência.

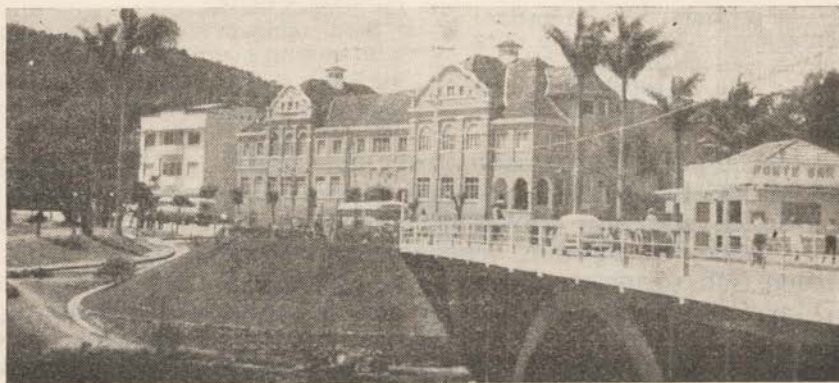


O incêndio que, no ano passado, destruiu o nosso arquivo municipal, não foi o primeiro desastre desse gênero ocorrido na sede da administração da comuna. Em 1865, o governo da colônia Blumenau estava instalado em algumas dependências do prédio do sr. Guilherme Friedenreich (o mesmo em que hoje reside o sr. Oto Wille, à alameda Duque de Caxias). Nos últimos dias de junho daquele ano, pegou fogo nesse prédio, danificando seriamente os compartimentos em que trabalhavam o agrimensor e seu ajudante. Friedenreich não possuía meios para reparar os danos causados e, então, o dr. Blumenau solicitou ao governo da província que fosse feito, pela diretoria da Colônia, um empréstimo de Cr\$ 500,00, ou quinhentos mil réis, para ser pago em dois anos, mediante desconto dos aluguéis de Cr\$ 50,00 por trimestre! Na sede da colônia não havia outra casa própria para a instalação daqueles serviços.

HONTEM E HOJE



Vê-se, neste clichê, o prédio da diretoria da Colônia Blumenau, que passou, depois, a ser sede da Câmara e da Prefeitura. Construído pelo Dr. Blumenau, sofreu alguns reparos no governo do prefeito Paulo Zimmermann (1915-1923), servindo como sede do governo do município até 1939. O prédio à direita serviu de delegacia e cadeia.



Em 1938, o prefeito de então mandou demolir a cadeia, que se transformara num foco perigoso de tifo e construir o edifício do fôro, em seu lugar, unido ao da prefeitura, completamente modificada e que deu lugar ao belo conjunto que se vê na foto acima.



EU TE BENDIGO...

PARA O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DA TÔRRE DA MATRIZ.

Quando junto as minhas mãos para louvar-Te,
Derrama-se uma chuva de graças sôbre meu coração!
Senhor, vê quantas mãos se juntam hoje!

Quantos corações se elevam a Ti!

Quantas almas em festa se abrem para tua graça!

Senhor, vê o Teu povo em prece!

Senhor, vê o Teu povo em atitude de louvar-Te sempre, sempre!

E eu, Senhor?!

Eu Te adoro...

Eu Te bendigo por êste magnífico templo!

Eu Te bendigo pelas colunas esbeltas que se elevam a Ti!...

Eu Te bendigo por aquela abóboda branca que cobre a beleza de tua casa!

Eu Te bendigo por esta pedra, Senhor!

Esta pedra humilde,

Esta pedra silenciosa,

Esta pedra que é como a imagem do teu Cristo:
pedra angular,
pedra fundamental!

Ei-la aqui à espera de sua missão sublime!

Será ela o pedestal do maior genuflexório desta cidade;

Será ela como a planta daquelas mãos de pedra que se hão de juntar,
numa prece perene, perante o teu santuário

e num louvor divino por cima dos dias que se esqueceram de Ti
num cântico de despertar nos seus sinos matinais —
e num hino de ação de graças no toque do Angelus.

Senhor!

Que direi de sua alegria nos dias primaveris da 1.^a Comunhão,

E dos salmos jubilosos das primeiras missas dos filhos do Teu povo?

Que direi do entusiasmo que entrará por seus portais

e por êles, de novo, se espalhará por sôbre êste mundo febril?

Que direi, — oh! que direi dos Cirineus que se aconchegarem à sua
sombra, à procura de força na Cruz de Cristo que encimará
êste monumento de fé?

Que direi dos que, adormecidos, ainda uma vez, entram por seus pórticos,
como se entra num paraíso de paz?

Senhor!

Por todos Te bendigo,

Por todos Te louvo,

Por tôdas as cordas de minha harpa te dão graças, Senhor!

E tu, povo dos filhos de Deus,

que ora acaricias com teu olhar esta pedra,

Unge-a, como o patriarca Jacó ungiu, em sua peregrinação,
a rocha no deserto!

E faze dela o altar do teu sacrifício!

Eis que se erguerá sôbre ela a mais alta de tuas torres.

Que ela te seja a escada de Jacó no meio do que é material!

Que ela te seja um eterno

"Sursum corda": Corações ao alto!

Para que realizes em tua vida o que de mais nobre podes fazer:

Pedir, agradecer, louvar a Deus, agora

e pelos séculos sem fim! Amém.

Mariana

ESTANTE DOS “CADERNOS”

★ “A FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS SOCIEDADES NA COLÔNIA DONA FRANCISCA”, de Adolfo Bernardo Schneider. — Joinville tem, no sr. Adolfo Bernardo Schneider, um honesto e dedicado pesquisador do seu passado e um propagandista ardoroso das virtudes dos seus fundadores, do seu povo e das suas realizações. Tem, êsse inteligente joinvilense, publicado já vários trabalhos em que, destacando o espírito de sacrifício, de renúncia, de verdadeiro e são patriotismo, que inspirou e orientou os primeiros colonos de Dona Francisca, na concretização do empreendimento magnífico a que deram início às margens do Cachoeira, estuda as razões do extraordinário progresso, que aquela comuna alcançou nos mais variados campos da atividade dos seus filhos e de que resultaram esplêndidos exemplos de trabalho porfiado e produtivo, de iniciativa, de coragem e de civismo. Para chegar ao espantoso progresso de que, hoje, Joinville se pode orgulhar nos domínios econômicos e sociais e nos da cultura do espírito, certamente muito concorreram as agremiações esportivas, de recreio e de aprimoramento moral e cultural, fundadas pelos primeiros colonos e seus descendentes. O sr. Schneider, no folheto de que teve a bondade de nos ofertar um exemplar, depois de um ligeiro histórico da fundação da colônia Dona Francisca, apresenta-nos dados interessantes sôbre a criação e o desenvolvimento de algumas entidades, como da “Sociedade de Atiradores”, da Sociedade de Canto “Helvetia”, da “Harmonia-Lira”, da “Sociedade de Ginástica” e da “Liga dos Cantores”. É um trabalho de grande utilidade para o estudioso da história do grande município do norte catarinense e, com êle, o sr. Schneider presta um valioso concurso à literatura histórica do nosso Estado. Somos gratos ao autor pelo magnífico presente que nos fez.



UM dos maiores tropeços com que depara o viajante que percorre a estrada de rodagem entre a capital do Estado e Joinville, é a travessia do rio Itajaí-Açu, na cidade de Itajaí. Uma travessia perigosa, feita em balsas morosas, que retardam, muitas vêzes de horas, êsse trajeto. Felizmente, está em vésperas de se pôr térmo a êsse inconveniente, que suscita constantes e justos protestos. O governo federal está construindo, nas proximidades da Pedra de Amolar, uma ponte sôbre o Itajaí que será inaugurada em março do ano vindouro. No dia 9 de novembro, corrente, foi posta a última viga de concreto, de 25 metros de comprimento, fato que foi assistido por inúmeros convidados da Companhia Cobrasil, construtora da importante obra. Localizada na rodovia BR-59, trecho Itajaí-Garuva, dista 88 quilômetros de Florianópolis e 70 de Joinville. Tem 320 metros de extensão e dois viadutos de 75 metros e meio, num comprimento total de 471 metros, estando o seu custo orçado em perto de 52 milhões de cruzeiros. Será a maior ponte de cimento armado de Santa Catarina.

4.º HENRIQUE CLASEN (1890)

Apesar de vir ainda do regimen monárquico, a câmara municipal, reunida em sessão solene a 7 de janeiro de 1890, elegeu para seu presidente o vereador Henrique Clasen, comerciante, que gozava de grande estima e excelente reputação. Entretanto, o governo interino do Estado decretou a dissolução das câmaras municipais criando, em seu lugar as Intendências. Para a intendência de Blumenau foram nomeados intendentes o Dr. José Bonifácio Cunha, como presidente, Henrique Clasen, como vice-presidente, Frederico Rabe, Gottlieb Reif e José Agostinho Pereira, como membros da corporação.



Revestindo-se o ato de excepcional imponência, a Intendência de Blumenau foi instalada a 18 de janeiro de 1890, tendo, assim, a gestão de Henrique Clasen durado, apenas, dez dias, e da qual nada mais se pode dizer senão que a prudência e o critério, com que Clasen contorneu as dificuldades decorrentes da transformação das normas de governo, muito concorreram para que essa transformação se desse sem grandes transtornos, como aconteceu em outras parcelas administrativas.

Henrique Clasen foi um cidadão prestimoso e que, como os seus antecessores no governo do município, tomou parte ativa em todos os empreendimentos levados a efeito, já desde os tempos coloniais, no propósito de engrandecer, econômica e moralmente, o estabelecimento fundado pelo dr. Blumenau. À frente de todas as iniciativas de caráter cultural e recreativo, fez parte das sociedades de atiradores, de ginástica, teatrais e da comunidade evangélica.

Foi um dos organizadores da comissão encarregada de angariar fundos para a criação de uma tipografia e publicação de um jornal. Realmente, constituída uma sociedade, foram vendidas ações e, em pouco tempo estava reunida a quantia necessária para a compra do material, que foi encomendado em Leipzig, na Alemanha. O jornal, "Blumenauer Zeitung" deveria ter por redator-chefe o sr. Teodoro Kleine e apareceria em julho de 1880. Entraves supervenientes, como a demora na chegada do material encomendado e, posteriormente, a enchente do Itajaí-açu protelaram o aparecimento do jornal até janeiro de 1881. Clasen é tronco de numerosa e distinta família blumenauense.

REMINISCÊNCIAS

III

AS DUAS ÚNICAS AUTORIDADES EM ITAJAÍ — A DIREÇÃO DO RIO ITAJAÍ-AÇÚ — OS CAMINHOS — ALGUNS DONOS DE TERRENOS — CASAS NO TRAJETO DAS RUAS LAURO MUELLER E PEDRO FERREIRA — TOMÉ VIEIRA BARBOSA — CONSERTOS E CONSTRUÇÕES DE EMBARCAÇÕES E O IMPULSO QUE ISSO TROUXE A ITAJAÍ.

A 13 de julho, último (1907) o sr. Antônio da Costa Flôres percorreu conosco, de carro, esta cidade para, mais fácil e precisamente, poder indicar de modo minucioso, o que havia pelos anos de 1840 a 1844, na área que compreende o atual perímetro urbano.

Pelas 3 horas da tarde, em frente à sua residência, na estrada da Barra do Rio, iniciamos a excursão, seguindo de carro em direção ao centro da cidade.

— Por onde vai este carro, começou o sr. Antônio Flôres, até quase ao chegar à cerca da frente da chácara de Francisco Ezequiel Tavares, não existia estrada, nem mesmo caminho. Tudo isto por aqui era capoeira, com alguns trilhos tortuosos, que se dirigiam da margem do rio para as poucas casas que havia, ou destas para as roças.

Nas proximidades da casa em que tem negócio o meu vizinho Nilo Bacelar, morava uma das únicas autoridades que possuía o Itajaí — o juiz de paz Antônio Dias de Arzão, homem muito respeitável e bem arranjado, que faleceu pouco tempo depois da minha chegada.*)

O outro juiz de paz, de cujo nome não me recordo, era conhecido por Juiz de Paz de Cabeçadas porque lá residia.

A pequena lagoa situada entre a casa de Domicio Tabalipa e a de Francisco Ezequiel Tavares, foi resultante da grande enchente de 1880. A porção de terreno que a separa do rio e por onde passa esta estrada, é composta de atêrro que o governo da ex-provincia mandou fazer. Antes de se concluir êsse atêrro, para facilitar a comunicação com a Barra do Rio, abriu-se o caminho que vai, em linha reta, do largo do cemitério à casa em que tem funilaria Antônio Lopes Gonzaga.

A cerca de 20 metros ao sul da ponte, próxima do edificio, recentemente construido, pela Companhia de Navegação Fluvial, o caminho que passa pelo local, em que mora Angelo Rodi, se inclinava para a margem do rio e o acompanhava bem de perto até ao lugar em que reside Germano Thieme e daí é que se internava em direção à Barra do Rio. Êsse trecho de caminho teve de ser mudado diversas vêzes mais para longe da praia até ficar por onde hoje corre a estrada.

Parece incrível, mas a verdade é que grande parte dêsse trecho de caminho, passava por onde hoje está o meio do rio. O rio, a partir do ponto em que está a casa de Germano Thieme, para cima, deixou, nos últimos anos, formar uma extensa ponta de acrescidos e, para baixo, vinha quase em linha reta até chegar aos morros da Fazenda e aí se encurvava bruscamente, dirigindo-se para o mar; apenas na margem direita, fazia primeiro uma suave curva côncava; e depois, no ponto correspondente ao centro da povoação, uma curta curva convexa. Mas, pela ação das marés, de certos ventos e das enchentes, principalmente a de 1880, deu-se o seguinte: a curva côncava se foi transformando nesse fundo saco, que parece ameaçar a existência da cidade, e o rio tanto

*) Conforme vimos em autos de inventário que se acham no cartório desta cidade, faleceu a 21 de novembro de 1843, sendo a sua casa de moradia, que era coberta de palha, avaliada em 32\$000 e deixando terrenos em diversos lugares e dez escravos, dos quais apenas dois eram de menor idade.

ganhou nessa margem, quanto perdeu na oposta, na qual as suas águas iam até a linha de mato mais alto que se vê; a curva convexa aumentou consideravelmente e a margem fronteira foi bastante escavada pelas águas e tomou a forma de leve curva côncava. Nos terrenos que foram escavados para se formar o aludido saco, existiam algumas casas, entre as quais a em que morava o escrivão de paz Francisco dos Passos e que era situada nas vizinhanças do lugar em que, ultimamente, Germano Friese tem engenho de beneficiar arroz e a do velho Francisco Gonçalves Tabalipa, cuja frente distava bastante da praia e cujos fundos ainda distavam mais de uma árvore grande que se vê ao norte e perto do mencionado edificio da Companhia Fluvial e tão próxima da margem do rio. Também nos terrenos que foram escavados para se formar a curva côncava, na margem esquerda, em frente à povoação, existiam casas que desapareceram.

Tudo me leva a crer que, além da pouca frequência de chuvas e enchentes, o fato de ter o rio ficado, em geral, um pouco mais largo e acentuadas essas curvas correu para que as suas águas não corroam tanto e tão a miúdo o pontal, como antigamente.

O caminho da Barra do Rio vinha por onde está a rua Sete de Setembro e do ponto em que esta recebe a rua da República se inclinava para sair no lugar em que reside Antônio Martiniano da Silva, e aí seguia o trajeto da rua Hercílio Luz até em frente da casa do major Agostinho, onde mandava um ramal, acompanhando a margem do rio, até o ponto em que reside João Gabriel e outro ramal que também acompanhava a margem do rio e que, na altura da atual residência de Alfredo Bittencourt, se dirigia para a praia, que daí em diante, era o único caminho que havia para a Fazenda. O caminho que seguia o trajeto da rua Hercílio Luz, em frente ao lugar do cemitério atual, se inclinava em direção aos morros, atravessava o da rua dos Atiradores, mais ou menos no ponto em que mora Januário Gabriel de Almeida, e os fraldeava até onde se preparou terreno para novo cemitério e, daí, passando por terrenos presentemente de Mário Liberato, chegava à margem do Itajaí Mirim, onde agora a estrada dêsse rio encontra a de Brusque. Os referidos caminhos tinham ramais em direção a casas e roças, mas nenhum ramal, nem mesmo em pequeno trecho, seguia o trajeto das ruas Brusque, Camboriú, Silva, Samuel Heusi, República, 13 de Maio, 11 de Julho, Vitória, Atiradores e 7 de Setembro, da rua Hercílio Luz para o sul. Onde estão todas essas ruas, o que havia era capoeira.

A área da Fazenda vinha até ao sopé do morro mais próximo do lugar em que se construiu o edificio dos Atiradores. Daí para o norte, até onde agora mora Angelo Rodi, os terrenos estavam assim divididos: 1.º, confrontando com o da Fazenda, o de Fermiano Corrêa, que morava em uma meia-água de pau-a-pique, barreada, coberta de telhas, que ainda há poucos anos existia na rua 15 de Junho, entre a casa de Dona Eugênia Silveira e a de Jorge Tzaschel, e tinha junto a uns pés de jaboticabeiras, que existem no quintal dêste, um engenho de fazer farinha de mandioca; 2.º, o de José Maria da Veiga, que tinha casa de moradia no lugar em que está o edificio da escola alemã e engenho de fazer farinha junto a uns pés de jaboticabeiras que ficam ao lado da casa de Arthur Siqueira; 3.º, o do irmão daquele José Maria da Veiga, que morava onde hoje é rua Hercílio Luz, em uma casa situada no local em que está a que pertence a Lucindo Alves Pereira e foi do falecido Manoel Máximo, e engenho de farinha em frente, no lugar em que há pouco tempo se demoliu uma meia-água de madeira que estava ameaçando cair; 4.º, de um filho do velho José Coelho da Rocha (morador do outro lado do Rio), conhecido por Juvinha Coelho, o qual residia onde tem casa a viúva Maria Porfírio e tinha perto engenho de fazer farinha; 5.º, o de Silvério Coelho (mais tarde meu primeiro sôgro), que era também filho dêsse velho, morava e tinha engenho de fazer farinha aos fundos casa em que reside o nosso atual vigário e fez um caminho que, partindo do norte, terminava na margem do rio, no ponto em que agora tem casa de negócio Carlos Seara Junior e então havia um rancho de canoas do mesmo Silvério. Três das dez casas que se encontravam no trajeto da atual rua Lauro Mueller, isto é, a do ferreiro Antônio Teixeira Canela, a do meu mestre e a do major Agostinho, já indiquei onde estavam situadas. As outras sete eram: casa coberta de palha, na pequena elevação de terreno, entre uma meia-água da viúva do capitão Rocha e a rua 13 de

Maio, onde morava Ana Machado, que ainda viveu muitos anos, falecendo em extrema velhice; onde mora Alfredo Moreira, casa coberta de telhas, que pertenciam ao carpinteiro Tomaz da Costa e que me parece ser ainda a mesma melhorada; onde mora Armando Mueller dos Reis, casa de telha ainda não acabada e pertencente a Desidério Rodrigues da Conceição, casado com uma sobrinha de Dona Felícia de Azeredo, proprietária da Fazenda; onde tem negócio e reside Jacob Heusi, casa de palha em que tinha venda (a única que existia em Itajaí) o português Manoel José Pereira, por alcunha Manoel Navalhada, porque tinha a cicatriz de uma navalhada, que lhe cortou, horizontalmente, o nariz e parte de ambas as faces; onde reside e tem escola d. Alzira Buechler; duas meias-águas, cobertas de telhas e contíguas, sendo uma do português Manoel Joaquim, conhecido por "Jacotinga", porque estava com os cabelos da cabeça todos brancos, e a outra do português Antônio Vanzuit; onde mora e tem negócio Marcos Konder, comprida casa de palha do carpinteiro da ribeira Manoel dos Passos.

Na parte média do trecho da rua 15 de Junho, entre a 15 de Novembro e a rua Lauro Mueller, do lado da cerca do jardim de Emilio Coutinho havia uma casa de palha, onde morava o individuo, então mais querido do povo, Tomé Vieira Barbosa, antigo sapateiro e sacristão em Destêrro e, aqui, não só isso como sangrador e capelão de novenas e terços. Era coxo, muito bondoso e tinha sempre muita gente em casa, principalmente aos domingos ou dias de festa ou divertimentos.

As quatro casas que já disse que havia na rua Pedro Ferreira eram: onde tem negócio Bruno Malburg & Cia., a casa velha, coberta de palha e pertencente ao mestre Germano, carpinteiro; em parte da residência de Manoel Fontes e parte da casa de negócio de João Amaral, casinha de palha do passageiro do rio, o velho Francisco Leite, que fazia ponto de embarque e desembarque na praia, em frente à atual praça matriz, remava sentado, e tinha uma trança de cabelo comprido, como se fôsse de mulher, trança que foi cortada à faca por um individuo que queria atravessar o rio e que êle maltratou, como o fazia a toda a gente; no terreno baldio que existia entre a casa de negócio de Clarindo Palumbo e a de moradia de Donato Luz, casa de telha, rebocada e caiada, mas tão velha que, a maior parte do reboco já tinha caído, na qual morava um cunhado do major Agostinho, que era já muito velho, tinha sido cirurgião de um batalhão que D. Pedro I sustentou no sul — como não tinha cabelo na cabeça, usava chinó de cabelo branco — era conhecido pelo apelido de "jagatirica"; constava que tinha muito dinheiro e, por isso, tentaram uma vez roubá-lo, arrombando-lhe o soalho da casa. Depois que morreu, se fizeram escavações, mas nada se encontrou; onde mora Emanuel Liberato, casinha de telha de José Maria Cordeiro, que possuía um sítio na vizinhança da barra do Luís Alves. Das quatorze casas que acompanhavam de perto a direção da margem do rio, só a do major Agostinho é que tinha em frente, no local em que está o escritório de Asseburg & Cia. um rancho aberto em todos os lados, coberto de telha e de muito comprimento que era dirigido perpendicularmente à praia; neste rancho trabalhavam carpinteiros, por conta do mesmo major.

As outras treze casas o que tinham em frente era praia sem vegetação ou capoeira, a espaços cortada de caminhos. No intervalo que fica entre o lado da casa de negócio de Bruno Malburg & Cia. que já dá para a praça matriz e o terreno mais perto da frente da igreja havia uma árvore de canela de grosso tronco, bastante alta e frondosa.

Pouco depois de eu estar aqui, chegou para ser consertada uma "polaca", embarcação grande de três metros; por meio de talhas e cabrestantes, envolvendo êsse tronco, foi puxada para o lugar em que está hoje o jardim fronteiro à matriz; dizia-se que era de Gênova e vinha não sei se de Montevideu ou Buenos Aires; pertencia a um tal Balão que trouxe nela muitos homens (que eram estrangeiros, mas falavam português), falquejadores e serradores de madeira, carpinteiros, calafates etc. e o material necessário para construção de navio, exceto madeira. Para agasalhar essa gente foi construído um vasto rancho no lugar em que, até há poucos meses, a Cia. Fluvial tinha uma casa de madeira e estaleiro.

Os concertos da “polaca” foram muito consideráveis; duraram bastante tempo; muitas pessoas aqui tiveram de auxiliá-los, procurando madeiras pelos nossos matos, trazendo e fazendo outros serviços. Os pagamentos eram feitos em dinheiro de ouro. Itajaí nunca tinha visto tanta animação no trabalho e circular tanto dinheiro. Logo depois chegaram para fazerem concertos outras embarcações (em uma das quais veio Luis Demoro, pai de Manoel Agostinho Demoro, atualmente empregado na Alfândega dêste Estado) e mesmo alguns navios foram inteiramente construídos.

O Itajaí, sem dúvida, deve o seu desenvolvimento a muitas causas, mas foi na época de tais concertos e construções que recebeu o mais rápido e vigoroso impulso para se engrandecer.

Até 1889 ainda se podia facilmente ajuizar o que, quando aqui cheguei, havia na área que abrangia o atual perímetro urbano; mas agora é difícil porque, depois da proclamação da república, se construíram e se transformaram inúmeras casas e as municipalidades retificaram, prolongaram, abriram e aterram muitas ruas.



A 6 de novembro de 1871, o dr. Blumenau, tendo regressado da Côrte, onde permanecera tratando de interesses da sua colônia, reassumiu o exercício do cargo de diretor. Fê-lo, porém, muito doente porque, na viagem de Itajaí para Blumenau, feita de canoa, apanhou fortes chuvas, tendo sido forçado a conservar-se completamente encharcado por mais de dez horas seguidas. Pode-se bem imaginar a gripe que o atacou. No ofício em que êle comunica, ao presidente da província, o fato, alega: “colhi um violento mal, que nos primeiros dias me tornou quase paralítico”. Também pudera!



BLUMENAU E OS SEUS MONUMENTOS



À esquerda, busto de Olavo Bilac, erigido à entrada da Alameda Duque de Caxias, a popular “rua das Palmeiras” é uma homenagem das crianças blumenauenses ao grande poeta e patriota, patrono dos Tiros de Guerra. À direita, uma vista do belo monumento comemorativo da fundação de Blumenau, erguido em 1900 na praça Hercílio Luz, pelo então Superintendente Dr. José Bonifácio da Cunha.

Christiana Deeke BARRETO

JULHO DE 1959

1.º — A senhorita Ivone Baumgarten, "Miss Santa Catarina" 1959, volta do Rio de Janeiro, onde tomou parte no concurso "Miss Brasil", tendo recebido elogiosas menções da crítica carioca. Ao desembarque compareceu grande número de pessoas, entre estas a diretoria e o departamento feminino do Marabá Clube, entidade que lançou a candidatura da bela blumenauense. No dia 7 de julho, o Clube promove, em homenagem à Miss Baumgarten um baile no Teatro Carlos Gomes, com duas orquestras: Roberto Ferri e "Garotas Paulistas", esta última constituída de moças da sociedade daquela metrópole, que empregam o lucro das suas apresentações para fins de caridade.

1.º, 5, 10, 16 — Nas edições desses dias do jornal "A NAÇÃO" é debatido o "reajustamento do impósto territorial urbano, proposto ao prefeito na edição do dia 1.º, por "Um leitor", dizendo existirem no centro da cidade verdadeiros latifundiários, que nada usufruem das suas propriedades, não construindo, desobedecendo ao Código de Posturas e só vendendo por preços astronômicos. Aparecem notícias apoiando a sugestão, e uma dizendo que a Prefeitura mesmo já estaria organizando novas tabelas para a cobrança do citado impósto. Na sua coluna "Retalhos" de 16 deste mês, o sr. Sebastião Cruz se ocupa do caso, lembrando que tais lançamentos deveriam ser realizados em base de igualdade, sendo mister o levantamento cadastral da cidade, para evitar procedimento arbitrário.

4 — O Conservatório "Curt Hering" apresenta no palco do Teatro Carlos Gomes lindo bailado infantil, sob a direção e cooperação da professora de ballet daquêle instituto, sra. Inês Paller.

O Tabajara Tennis Clube realiza o seu tradicional baile caipira, com grande número de sócios brilhantemente caracterizados, representando tipos autênticos da população dos sítios, comparecendo também sócios e convidados de Itajaí e Brusque, participando com animação da festa de compadres, onde o "quentão" e quitutes típicos foram servidos em profusão.

9 — Baseado no trabalho "fragmentos da História de Rio do Sul", de Victor Lucas, publicado em "Blumenau em Cadernos", Tomo II.º, n.º 5, escreve o Dr. Vinicius de Oliveira, na "A Nação" uma crônica intitulada "Botocudos no Timbêzinho", dizendo ser "justo que se recorde a narrativa fiel e serena de Willy Hering, incluída no trabalho de Victor Lucas, que trata do maior obstáculo da colonização do Vale do Itajaí — os botocudos.

10 — Os alunos dos seminários e cursos de música do professor Oleh Gabruszewycz, realizam no Teatro Carlos Gomes um concerto em benefício da Escola Barão do Rio Branco, apresentando-se Renk da Cunha Barbosa, Neyde Coelho, Annegret von Knoblauch, Louri Albers e sra. Vera Stodieck, no bem organizado programa de música clássica.

11 — Com a avançada idade de 87 anos, falece a sra. Rosália Deeke, viúva do sr. Caetano Deeke. A extinta era progenitora do sr. Axel Deeke, misteriosamente assassinado semanas antes, durante uma caçada em Apiúna, deixando mais três filhos, 13 netos e 11 bisnetos.

13 — Ocorre o 2.º aniversário da AIRVI (Associação de Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí). Um jantar festivo, programado, em regozijo ao acontecimento, é transferido para outra data, por conveniência da entidade que, entretanto, recebe, na auspiciosa data, as fe-

licitações, entre outras, dos legislativos estadual e municipal.

16 — Blumenau recebe, pela primeira vez, um titular da Delegacia Regional do Trabalho em Santa Catarina, dr. Hélio Santos, que vem em caráter oficial. Pelos sindicatos dos trabalhadores blumenauenses é-lhe oferecido um jantar na churrascaria Palmital, do qual participam, além do deputado sindicalista Aldo Pereira de Andrade, os consultores jurídicos dos sindicatos, drs. João de Borba, Luís Navarro Stotz e o advogado dr. Gentil Teles, presidente do PTB e todos os demais dirigentes de entidades de classe. Usaram da palavra o sr. Waldir Rosa, fiscal do Ministério do Trabalho, o sr. Osvaldo Flóres, em nome dos sindicatos, e, finalmente, o dr. Hélio Santos, que agradeceu a homenagem.

17 — No Clube Náutico América realiza-se a primeira reunião da "Campanha da Solidariedade Humana", da qual é eleita a primeira diretoria, assumindo a presidência a sra. Elsa Melo, a secretária a sra. Branca Santhiago de Melo, tesoureira a sra. Gilda do Nascimento Gonçalves, elegendo-se várias comissões de festas.

Ocorre o falecimento do sr. Leopoldo Rabe, figura tradicional da vida blumenauense, que desaparece aos 74 anos de idade, deixando além da viúva, d. Agnes Rabe, nascida Rieschbieter, uma filha casada e dois netos.

18 — Após vários anos de enfermidade, falece o conceituado cidadão blumenauense, sr. Eduardo Neitzel, chefe da firma "Neitzel & Cia.", empresa representante de várias sociedades seguradoras. O extinto, que desaparece aos 73 anos de idade, deixa viúva D. Gertrudes Scheeffler Neitzel, um filho, sr. Bertoldo Neitzel e dois netos.

Em animado baile apresenta-se, pela segunda vez, no Teatro Carlos Gomes, a bandinha "Frem!", de São Bento do Sul. Recordando as tradições da "velha guarda", aflúí grande público, mórmente casais de meia idade, que se divertem ao compasso da original orquestra.

19 — O Palmeiras Esporte Clube comemora, com brilhantismo, o seu 40.º aniversário de fundação.

Realiza-se uma festa popular, promovida pela comunidade evangélica do bairro da Velha, em benefício da sua nova e magnífica igreja, situada maravilhosamente, no alto de uma colina.

20 — Falece no Hospital Santo Antônio o sr. Wenceslau Ferreira Viana, genitor do dr. Abelardo Viana, chefe do 3.º Distrito Sanitário, com sede em Blumenau.

24 — Ocorre lamentável acidente rodoviário, com uma camioneta de propriedade do sr. Hans Toenjes, cujo motorista, o jovem Egon Gauke, teve morte instantânea. No dia seguinte, morre o seu companheiro de viagem, Mario Ittner.

25 — Ocorre outro desastre na estrada geral, perto de Gaspar, chocando-se um jeep contra um caminhão da Companhia Jensen, vitimando o motorista do jeep, sr. Willy Pfiffer.

28 — Na sessão da Câmara Municipal efetua-se a entrega do diploma de "Cidadão Blumenauense" ao general reformado Mosiul Moreira Lima, que atualmente reside em Pôrto Alegre. Após a solenidade na Câmara, o sr. Prefeito Busch Junior ofereceu ao homenageado um coquetel no salão nobre da Prefeitura.

28/29 — Nas edições da "A Nação" aparecem notícias de verbas federais consignadas para Blumenau no orçamento da União para 1960, requeridas pelos deputados Haroldo Carvalho, da UDN, e Elias Adaimo, do PSD.

26 — Solenemente instalada a Junta de Conciliação e Julgamento, sob a presidência da Dra. Daisy Ramos Pinto. Comparece o presidente do Tribunal Regional do Trabalho, da 4.ª Região, dr. Dilermando Xavier Pôrto, que foi alvo de expressivas e carinhosas homenagens. Presentes, também o dr. Lerner Rodrigues, secretário do Trabalho e representante do sr. Governador do Estado, prefeito Busch Júnior, Dr. Marcílio Medeiros, juiz da 1.ª Vara da Comarca, representando o Presidente do Tribunal de Justiça do Estado, além de muitas outras autoridades civis, militares, juizes e promotores das comarcas de Itajaí, Brusque e Gaspar.

NOTÍCIAS
de
BRUSQUE E NOVA TRENTO

isto é das Colônias
ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO
na Província de Santa Catarina
IMPÉRIO DO BRASIL

por

D. Arcângelo Ganarini



Trento

Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

Traduzidas do Italiano

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX



(CONCLUSÃO)

Agora que o govêrno conta com tantos milhares de italianos nas colônias do sul, seria ocasião oportuna para impulsionar essa cultura. Teria o pessoal prático para a cultura do casulo e a fiadura da sêda, sem fazê-la vir com ingentes despesas e de propósito da Europa: seria bastante fornecer-lhes plantas de amoreira, os germes, e depois com os meios de que dispõe promover o consumo dos produtos, que em país, em que não os conhecem encontrariam além disso dificuldades tais a refrear o desenvolvimento. Há três anos estou acompanhando a pequena criação que um colono realiza, e até agora não alcancei observar nenhum indício daquelas doenças já comuns em os nossos países. Os casulos verdes apresentaram-se um pouco escasos de sêda, mas sem mortos e furados. Ordinariamente aparecem expontâneos em Setembro, e depois da transformação da larva em borboleta e realizada a postura, tornam a romper em Dezembro e Janeiro: pelo que anualmente é possível obter-se duas colheitas; prestando-se também a amoreira (de folha muito grande) mercê do clima quente permitir ser desfolhada mais de uma vez. Há tem-

pos visitou estas colônias um commissário do govêrno para tratar de auxiliar essa cultura. Existiam boas idéias, foram feitas promessas, mas quem sabe não se transformarão em bela bôlha de sabão. Seria uma dessas economias que impressionariam o país, quando o govêrno tivesse de deixar passar essa ocasião sem usufruí-la.

17 — Frutos

Entre tantas variedades de frutas indigenas e importadas, entre as quais muitas ainda desconhecidas dos nossos colonos, não se pode pelo menos deixar de mencionar as mais comuns e conhecidas. A **banana** apresenta muitas variedades, diferenciadas pela grandeza da planta e pelo sabor do fruto. A planta é erbácea com o tronco de 30 a 40 centímetros de diâmetro, e segundo a qualidade cresce de um a três metros de altura, ornada no cimo de um tufo de folhas longas de mais de um metro e da largura de mais ou menos meio metro. Após um ano de plantada entre as folhas desponta uma flôr colossal composta de muitas e que, pouco a pouco, vão caindo dando lugar aos frutos oblongos, dispostos em

vários anéis ao redor de um grosso pecíolo, que com o seu péso se curva para a terra. Este feixe de frutos, que os brasileiros chamam "cachô" pode contêr de 50 a 70 frutos, do comprimento de um palmo e mais, sem caroço, com uma polpa branca ou avermelhada, macia como manteiga e farinhenta e de um sabor gostoso. Quando a planta deu fruto é cortada, cuidando-se então dos inúmeros brotos que rebentam do pé, que se pode arrancá-los para plantá-los em outro lugar. As mais apreciadas são as de S. Tomé e a manteiga. Com algumas touceiras cultivadas, pode-se ter frutas uma boa parte do ano. Dela se faz comércio exportando-a também para Montevidéu e Buenos Aires. A laranjeira é semeada; e já no segundo ano alcança a altura de um a dois metros. Em cinco ou seis anos começa a frutificar, e tornado mais forte prospera bem não só em sítios cultivados, como também nas pastagens, como as nossas pereiras e cerejeiras. Os velhos colonos possuem um massiço delas junto à casa, e colhem grande quantidade de frutos. Em junho a planta se reveste de flôres brancas muito cheirosas, e em abril os frutos dourados ressaltam do verde da folhagem e convidam a colhê-los. Há dêles muitas variedades, que se distinguem pela sua grandeza e sabor mais ou menos exquisito. Não sendo pôsto à venda, fazem dêle vinho. O **li-mão** também apresenta várias espécies, pequenos como uma noz, e grandes do péso de mais de um quilo, uns de um aroma especial, outros de uma acidez fortíssima para contentar todos os paladares. É muito empregado em cêrcas de hortas e pastos, os quais talhados com simetria ficam bonitos e impenetráveis mercê dos espinhos de que a planta é ricamente dotada. Com a qualidade maior, parecida com uma abóbora de médio tamanho, fazem uma conserva, que ligada a outros ingredientes, é muito apreciada. Também o **ananaz** viceja dando frutos de vários quilos de péso, com um suco agri-doce e um cheiro aromático. Além dos pêssegos, que são pequenos, e direi quasi de todo selváticos, pela falta de enxertos, cresce bem o fi-

go, cujo galho plantado dá fruto no segundo ano. O **mamão**, que apresenta o sexo em plantas diversas, pelo que as sementes são plantadas afastadas umas das outras, é uma planta que produz um fruto parecido com uma abóbora, ôco, com uma polpa amarela, doce, com um aroma semelhante ao do melão mas mais acentuado. Existem ainda muitas plantas oleosas cujas bagas dão até cem por cento, e crescem nas selvas e os brasileiros seus conhecedores delas se servem para queimar e como remédio para certos males. Cresce muito bem a mamona, sendo só de lamentar-se que não se encontre aqui quem se interesse em utilizá-la, extraíndo-lhe o óleo. Abundam igualmente as hortaliças em tôdas as estações, menos no verão em que o calor amarelece os talos. Cada colono possui junto de sua casa um pedaço de terreno cultivado com alface, chicória, couve, não faltando quem se deleite em possuir espargos e espinafre.

18 — Animais domésticos

Os porcinos são os mais úteis de todos, não havendo família, por mais pobre que seja, que não possua um ou dois. E a dizer-se a verdade seria uma real falta de coragem não os criar, quando existem tantos gêneros de batatas e ervagens que se prestam à sua engorda. Existem de duas espécies; uma pequena e outra grande como nos nossos países. Muitos, para não dizermos a mór parte, possuem a porca e marrão em casa, que neste clima quente se propagam com muita facilidade, pelo que um leitãozinho pode-se adquirir por um florim. É o animal que, além da gordura ministra a máxima parte do conduto e condimento à esta população, com ser a manteiga e o queijo muito caros. É bastante dizer que o queijo, que vem de Lages, e que não é sempre da melhor qualidade, é vendido a um e meio e dois florins o quilo. As vacas, em relação ao nosso país, são muito poucas. Além de serem muito bravias, não dão geralmente leite sem que se dê antes a mamar o bezerro, pelo que uma grande parte do produto pode-se dizer é perdido. Para

mantê-las porém não carece o cuidado que se tem entre nós; pois que reservado um pedaço de terreno para pastagem, é cercado e nelle sôltas a pastar, tanto no inverno como no estio, limitando-se todos os trabalhos em mungi-las e abrigá-las à noite. Em Lages existem vastas pastagens, onde também num terreno superior nascem milhares de cabeças guardadas por escravos. Dali baixam tropas ao litoral onde cada rês é vendida a 30 e 50 florins (mil réis). Têm o pêlo avermelhado, chifres muito grandes e uma presença quasi selvagem, porque ali naquelles imensos pastos quase não vêem uma face humana. Aos poucos porém se tornam mansos e domésticos como os do nosso país. Quase tôdas as familias possuem alguns, e de leite que sobra do uso cotidiano fabricam manteiga e queijo para o gasto da casa. A cabra é um animal daninho como em tôda parte, mas providencial para os que não têm meios de comprar uma vaca, ou lhe falta ainda o pasto. Geralmente, embora pequenas, são assás fecundas em filhos, deitando três ou quatro de cada vez. Existem muitos cavalos e mulos, indispensáveis aos que desejam empregá-los em carros ou viajar com alguma frequência. São dêes criadas tôdas as raças e pelame. Há galinhas, pombos, perús, gansos, patos, que além dos ovos fornecem carne, com os quais mesmo os mais pobres colonos de quando em quando alegram a sua mesa.

Conclusão

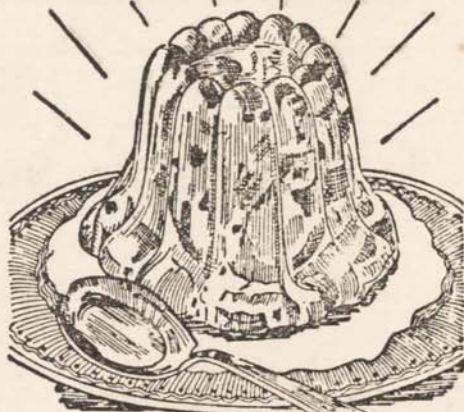
Porque então, com um clima tão agradável, com abundância de terras, com tantas espécies de productos, de frutas e de animais, existem pessoas ainda que se lamentam, e apelidam estas colônias sem mais nem menos de inferno? Desta

maneira poder-se-ia perguntar a alguém ao ler esta descrição: - "Mas eu poderei inverter a pergunta e deixar a elas a resposta; como tantos senhores da Europa, que possuem belos palácios, dinheiro, fazendas, criadagem, carruagens e tudo quanto desejam, mostram-se sempre descontentes e não acabam de resmungar? A razão mais certa, pondo de parte as exceções, parece-me a mim, consiste geralmente na dificuldade que o homem encontra em contentar-se com a sua situação aproveitando-se daquilo que pode ter e moderando inúteis desejos defronte aquilo que não lhe é possível alcançar. No entanto os nossos trentinos, os venetos e não poucos da Lombardia se mostram contentes com a sua situação, e apesar das dificuldades, que deveram superar nos primeiros anos, para cultivarem a sua terra, habituarem-se aos alimentos, montar os mecanismos necessários para o andamento vantajoso de certas plantações, parece não se lembrarem de seus países, mas antes daqueles, que se encontram em condições de convidar seus parentes da Europa a vir juntar-se a êles obrigando-se a auxiliá-los nos primeiros anos quando o governo não lhes proporcionasse qualquer subsídio. Que afinal um alfaiate, um sapateiro, ou qualquer outro artista não tratou de tornar-se lavrador, e mostra-se descontente nestas colônias, é coisa natural; estaria da mesma forma em qualquer outro lugar, onde tivesse que ganhar o pão lavrando a terra. Assim também acontece àqueles a quem a alimentação ou o clima não são convenientes, a todos os medrosos e aos enganados com falsas promessas de rápidas fortunas, não sendo êste o país da cocanha, nem o El-Dorado onde se possa viver sem trabalhar ou colhêr o ouro a mãos cheias.



RESPONDENDO a uma consulta da presidência da província, sôbre o estado de várias culturas a que se dedicavam os colonos de Blumenau, o Dr. Blumenau assim se expressou, em 1876, a respieito do café: "Desde as fortes geadas do princípio do decênio de 1860 a 1870, que estragaram as plantações, aliás bastante consideráveis, que existiam, os colonos perderam o ânimo para esta cultura, a qual quase que foi totalmente abandonada".

*Realce as suas
refeições com os
deliciosos sabores dos*
Pudins Medeiros



*Sua aparência é tão atraente...
seu delicioso sabor de frutas
tão tentador... É o complemento
indispensável às refeições mais
simples.*

10 Finíssimos Sabores

INDUSTRIAS GERAIS
CÁSSIO MEDEIROS S/A
BLUMENAU — SANTA CATARINA

“Blumenau em Cadernos”

MENSÁRIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAI

Assinatura (12 números) Cr\$ 100,00

Número avulso Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Toda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

CASA PEITER

MATRIZ: RUA 15 DE NOVEMBRO, 563 — FONE, 1054

FILIAL: RUA 15 DE NOVEMBRO, 634 — FONE, 1021

TELEGRAMAS: "PEITER

CAIXA POSTAL, 40



NA MATRIZ:

O MAIS COMPLETO SORTIMENTO DE
CASIMIRAS, LINHOS, BRINS, RISCADOS, LÃS,
SEDAS, ALGODÕES, ARMARINHOS
CONFECÇÕES PARA HOMENS



NA FILIAL:

CASACOS, TAILLEURS, VESTIDOS, ARTEFATOS DE MA-
LHA, ARTICOS PARA PRAIA, ROUPAS DE CAMA E
MESA, BOLSAS, LENÇOS, FELPUDOS "ARTEX",
CONFECÇÕES PARA CRIANÇAS.

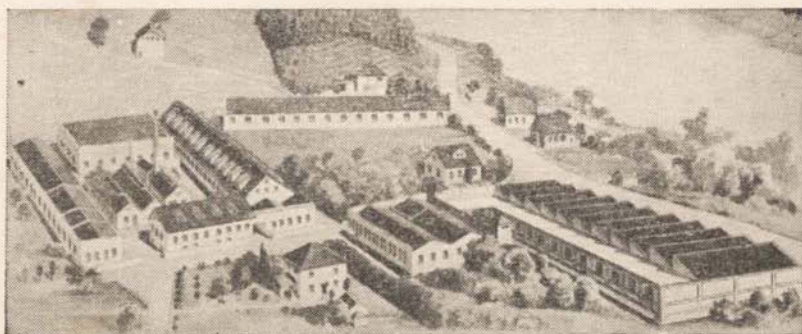


TUDO PELOS MELHORES PREÇOS

TECELAGEM KUEHNRICH S.A.

FIAÇÃO - TINTURARIA - TECELAGEM - ESTAMPARIA - CONFECÇÃO

Produtos "TEKA"



ESPECIALIZADA EM:

ATOALHADOS — GUARNIÇÕES PARA MESA,
SIMPLES E ADAMASCADAS (JACQUARD) —
XADREZES E ESTAMPADOS — CORTINAS E
ARTIGOS DE FÊLPA, TOALHAS DE ROSTO
E BANHO, ROUPÕES.

BLUMENAU — Santa Catarina

Caixa Postal N.º 59 — Telefone N.º 1347

End. Electr.: "KUEHNRICH" — Estação Itoupava-sêca.